

## **HISTÓRIA, MEMÓRIA E CONTRIBUIÇÕES EDUCACIONAIS DE UMA ESCOLA RURAL PIAUIENSE-(1940-1960)**

MARIA ALMERINDA VIEIRA DE ABREU

Professora e Coordenadora do Ensino Básico da Rede Municipal de Ensino de Monsenhor Gil – PI,  
Pedagoga e Teóloga de formação e Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional.  
E-mail: almerinda\_abreu@hotmail.com

JÂNIO JORGE VIEIRA DE ABREU

Professor Assistente Nível III – Ded. Exc. da Universidade Estadual do Piauí – UESPI e aluno do  
Curso de Doutorado em Educação da Universidade Federal do Piauí.  
E-mail: Janiojorge2006@yahoo.com.br

### **Introdução**

Pesquisar a história das instituições escolares significa a possibilidade de produzir uma História da Educação independente da interpretação da documentação ou das fontes oficiais que comumente são identificadas e reproduzidas pelo sistema escolar, pois nos possibilita encontrar dados ou fontes silenciadas e que podem ser desveladas através das experiências de ensino-aprendizagem e dos atores e protagonistas das escolas.

Considerando a história como uma interpretação ou leitura do passado e a educação como uma prática de desenvolvimento e transformação humana, fazer história da educação significaria identificar as mudanças ocorridas no sistema e nas pessoas envolvidas no processo educacional num determinado espaço de tempo.

Com essa perspectiva, realizamos um estudo sobre a História e Memória da Escola Isolada Benjamim Batista localizada na Comunidade Varjota do Município de Monsenhor Gil – PI, com o objetivo de analisar a contribuição que a referida instituição ofereceu ao desenvolvimento educacional da comunidade e de seus habitantes no período de 1940 à 1960. O recorte histórico da pesquisa (1940 à 1960) justifica-se pela curiosidade de conhecer mais sobre a história da educação no Piauí diante dos desafios enfrentados pelas comunidades rurais em meados do século XX, considerando os

aspectos políticos, sociais, econômicos, culturais e até geográficos, para conquistarem o direito à educação escolar.

O estudo partiu da seguinte problemática: Como se caracterizou o processo de implantação da escola? Quais os fatores que motivaram a sua implantação na comunidade? Qual foi o impacto da formação recebida na escola no desenvolvimento profissional e pessoal dos alunos egressos? Que referências os alunos egressos possuem da Escola Isolada Benjamim Batista?

Para responder a essas indagações desenvolvemos as seguintes ações de pesquisa: caracterizamos o processo de implantação e consolidação da escola identificando os fatores que o motivaram; catalogamos os agentes fundadores, os ex-professores e os alunos egressos da escola que ainda residem e desenvolvem atividades no município; analisamos a conjuntura social, política e cultural em que ocorreu a implantação da escola e verificamos, através da história e memória de alunos egressos, ex-professores e pessoas da comunidade, a contribuição da instituição para a comunidade escolar.

Iniciamos abordando a história e memória educacional, apresentando as diversas concepções teóricas sobre história e memória relacionando-as à educação. Apresenta também um pouco da história das escolas e de educadores rurais no século XX, focalizando especialmente aspectos do processo de escolarização do Brasil desde o período colonial resgatando inclusive o surgimento das escolas isoladas no Piauí.

Em seguida nos dedicamos à história e memória da Escola Isolada Benjamim Batista discutindo os seguintes aspectos: a metodologia do estudo; a caracterização da escola; os aspectos sociais e políticos que contribuíram e desafiaram a sua implantação e funcionamento; as representações e práticas dos ex-alunos, ex-professores e de outras pessoas da comunidade sobre a escola e finalizamos apontando a contribuição da instituição pesquisada para o desenvolvimento da comunidade Varjota.

## História e Memória Educacional

Compreender o significado da História e Memória da Educação seja como campo de conhecimento ou como procedimento metodológico de investigação passa necessariamente pela definição dos conceitos de história e de educação. Considerando a concepção de Keith Jenkins (2009) a história é tudo aquilo que se diz do passado e este não significa aquilo que não é mais, mas o que foi e resta como pregnâncias. O autor nos mostra que passado e história são coisas diferentes, existem livres um do outro, porque o mesmo objeto (passado) de investigação pode ser interpretado (história) diferentemente por diferentes práticas discursivas. Assim, quando se analisa um fenômeno, há, ao mesmo tempo e espaço, diferentes leituras interpretativas sobre ele.

O conceito ou concepções de educação podem apresentar significados ou aspectos comuns às concepções de história, pois educação, como mostra Carlos Rodrigues Brandão (1994), é isto, é aquilo e é o contrário de tudo, constituindo-se como um conceito relativo ou que depende da concepção e, especialmente, do contexto social, político, cultural, etc. Isto significa que a educação só pode ser definida de acordo com o tempo histórico, o espaço ou a sociedade na qual ela é concebida. Diante disso, o que vai unir os dois conceitos é a perspectiva de mudança relacionada aos dois significados, pois, a história é a experiência já vivida e a educação, a mudança promovida por ela. Para Eliane Marta Teixeira Lopes (2009, P. 7-12), educação é uma prática social na qual estamos inseridos duradouramente individual ou coletivamente. Trata-se de uma prática social histórica, e sendo história possui uma história (interpretação) que foi ou não escrita.

Aqui a discussão sobre a história das instituições exige a compreensão da memória como outra categoria de análise fundamental, pois se trata de instituições em que a documentação ou a história oficial perde-se no tempo e recupera-se através da memória

das pessoas que vivenciaram ou vivenciam a experiência escolar do passado e a transportam ao tempo presente. Considerando isso, trabalhamos a memória como abordagem pedagógica, especificamente como prática cultural e educativa ou mediadora das relações sociais em uma comunidade escolar. Neste estudo, apresentamos a história de uma instituição e por isso faz-se necessário conhecer as concepções de instituição escolar, dos seus protagonistas e da contribuição que elas podem oferecer à sociedade na qual ela está inserida.

As instituições escolares em geral levam o conhecimento formal às populações. Ferro et al (2009 p. 59), considera a instituição escolar como um espaço de sociabilidades educativas pelas relações que são mantidas no seu interior e fora dela, “provocando alterações substanciais no imaginário das diferentes camadas sociais”. As instituições escolares em geral levam o conhecimento formal às populações.

Para o pesquisador é indispensável um estudo investigativo sobre o passado da instituição, a fim de conhecer as transformações ocorridas. Nessa perspectiva, como sugere Ferro et al (2009, p. 60), “[...] surge a necessidade de se investigar a educação também nos seus aspectos de memória”. Como mostra Le Goff (2003 p. 51), “[...] o passado depende parcialmente do presente. Toda história é bem contemporânea, à medida que o passado é apreendido no presente e responde, portanto, a seus interesses, o que não é inevitável como legítimo”.

Considerando o estudo em questão, fizemos a seguinte indagação: o que a memória de uma instituição, através das pessoas simples de sua comunidade escolar, contribuiria para dar significado a sua história? O estudo da história das instituições são lugares de memória ou “lugares de aprendizagem” (NORA, 1981, p. 14 apud FERRO et al 2009 p. 600) e:

*A história da humanidade não se desenrola apenas nos campos de batalha, nas revoluções, nos gabinetes presidenciais,*

mas, também, nos quintais, nas ruas, nos subúrbios, nas fábricas e nas instituições escolares, sendo um movimento contínuo, a fluir no dia-a-dia do homem na família, na sexualidade, na alimentação, na educação, enfim na sua vida cotidiana. Cabe a história informar sobre todos esses movimentos da aventura da experiência humana em todas as sociedades e em todas as épocas, sempre na busca de uma reflexão acerca de valores, práticas políticas, práticas escolares, religiosas e econômicas de cada povo, no intuito da compreensão da realidade atual, (FERRO et al, 2009, p. 61).

Sabemos que é necessário conhecer o passado para compreender o presente. No modelo tradicional da historiografia o campo da história é privilégio de heróis, gabinetes e palácios, sem interação com as estruturas da vida cotidiana. Por outro lado, a história cultural nos mostra caminhos alternativos. Burke (1992, p. 341), defende que é através da narração de uma história sobre pessoas comuns no local em que vivem que se pode realizar a escrita da micronarrativa ou micro-história.

Ferro (2009) ressalta que a educação está inserida individual ou coletivamente na cultura. A história cultural permite a compreensão histórica através do cotidiano em qualquer época e em qualquer sociedade. Brandão (1994, p. 09) também pontua que “existe a educação de cada categoria de sujeitos de um povo, ela existe em cada povo, ou entre povos que se encontram”. Assim, a educação se transforma conforme a necessidade e desejos dos povos de cada sociedade, engendrando suas histórias.

Depreendemos assim que, a escola é um lugar de memória, e a memória aquilo que ocorre ao espírito como resultado de experiências já vividas: lembranças, reminiscências (HOUAISS et al, 2001). Para Bérqson (1990), a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. E ainda a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo, “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as

percepções imediatas como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando todo o espaço da consciência. É considerando todo esse potencial de produzir história da educação através da memória de pessoas simples e de uma escola rural que pesquisamos a Escola Isolada Benjamin Batista.

### **A Implantação da Escola Isolada Benjamin Batista nas Representações e Práticas da Comunidade Varjota – Piauí**

A história mostra que o projeto governamental de expansão do ensino primário no interior do Piauí, levou a instalação da Escola Isolada Benjamin Batista na comunidade Varjota em 1951. Nesse contexto histórico e ideológico da educação brasileira que contempla desde movimentos de educadores aos aspectos legais para expansão do ensino primário no Brasil, se apresentava a comunidade Varjota, ainda sem receber os benefícios que as políticas educacionais asseguravam para seus habitantes. Estes eram “marginalizados do acesso a serviços educacionais adequados, bem como de quaisquer outros serviços provenientes dos centros urbanos”. (PETTY et al, 1981, p. 32).

A referida instituição está situada a cerca de 75 Km da Capital piauiense. De acordo com o ex-aluno da escola Sr. Enoque Vieira dos Santos de 77 anos de idade (informação verbal), morador da comunidade há 71 anos, o fundador da mesma foi o Sr. Antônio Jança Barradas. É uma comunidade histórica, pois no local existiam senzalas, e os escravos subiam ao morro para jogar bola de palha de milho com a mão. A população durante muitos anos teve dificuldades com a locomoção para outros núcleos populacionais, haja vista que o acesso era feito pela serra denominada Cantinho, por uma trilha com condições de passagem somente para pedestres e animais. Isto porque, o relevo da região, com a presença de muitas serras, mesmo com a abertura de uma carroçável, esta era a única estrada que possuía elevadas e escorregadias ladeiras, tornando a

comunidade totalmente isolada da sede do município e de outras comunidades vizinhas, pois no período das chuvas a estrada não permitia tráfego de veículos e nem de animais.

Na comunidade Varjota, até 1951, não havia escola formal, algumas famílias pagavam professores para oferecer instrução aos filhos. Sobre esse aspecto recorda o Sr. Enoque:

*Um professor chamado Raimundo Labigó, vindo do Mourico se instalou na Varjota. Um sujeito que pela sua aparência não demonstrava que tinha tanto conhecimento. Dominava o Português e o calculo que aprendeu por conta própria. (INFORMAÇÃO VERBAL)*

*Cheguei em 44 na Varjota, estudava na Trindade com uma professora que vinha da Caiçara, os alunos era eu, o Eduardo, Antônio Barradas, Manoel Barradas, Cesário, quem trouxe a escola foi o pessoal de Beneditinos. (ISAÍAS SAMPAIO DE ALENCAR, informação verbal).*

Antônio de Pádua Carvalho Lopes (2008, p. 208), nos revela que “no Piauí como em diversos Estados do Brasil, houve por muito tempo, especialmente até a Primeira República, o predomínio de uma modalidade de escola denominada escola isolada. Localizadas, em sua maior parte, em lugarejos, essas escolas atendiam alunos, ensinando-lhes, especialmente, os rudimentos do cálculo, da leitura e da escrita”.

Foi esse modelo de escola que o Sr. Eugênio Sampaio da Cruz, então líder da comunidade, teve a iniciativa de construir, uma escola rústica, com as condições básicas de funcionamento e recorreu ao então Deputado Estadual Joaquim Calado, com quem havia construído relações em negócios de venda de terras, na perspectiva de instalar uma escola oficial na comunidade. Assim, na segunda metade do ano de 1951, chegou à localidade Varjota a professora Francisca Carneiro Lima de Oliveira, tornando-se a primeira professora da escola. Natural de São Pedro do Piauí nasceu em 02 de outubro de 1924, conforme relata os moradores da comunidade:

*Ele se dirigiu ao então Deputado Joaquim Calado e solicitou a instalação de uma escola. A reivindicação foi atendida quando em 1951, iniciou a primeira turma estudando o ABC. Na comunidade não havia profissional capacitado para ocupar a cadeira, chegou na comunidade a Prof.<sup>a</sup> Francisca Carneiro, que foi trazida pelo Deputado Joaquim Calado, iniciando as aulas em sua própria casa (Enoque Vieira dos Santos – informação verbal).*

*Em 1951, meu pai tomou esse conhecimento com o Sr. Joaquim Calado, que tinha essa mulher que trabalhava nos Côco [...] Depois procurou Joaquim Calado e ele trouxe D. Francisca, que chegou no mês de setembro de 1951 e iniciou as aulas mesmo no final do ano. Ela procurou trabalhar para se afirmar. Ela fez a matrícula de 50 alunos. (CLARICE, moradora e filha – informação verbal).*

Naquela época em todo o Estado ainda havia dificuldades para encontrar profissionais da educação. Era então necessário recorrer ao chefe político da comunidade. Ferro (1996, p. 89), pontua que “a influencia política na contratação de professores na rede pública acontecia rotineiramente. A indicação era feita por uma pessoa de prestígio ou poder político, sem levar em conta a aptidão, o preparo ou a capacidade para o exercício da profissão.” Podemos observar que os moradores não tinham consciência política, ao recorrer ao político para lhes prestar o favor, desconhecendo o direito adquirido no governo de Arlindo Nogueira através da resolução de nº 267 de 29 de julho de 1909, a garantia da obrigatoriedade do ensino primário para todas as crianças, corroborada no governo de Anísio de Abreu pela resolução nº 527 de 6 de julho de 1909.

### **As Contribuições Educacionais da Escola Isolada Benjamim Batista Para a Comunidade Varjota**

O processo de escolarização naquela comunidade trouxe benefícios não somente para os habitantes daquele local, mas para



outras comunidades da região, visto que 50 crianças da Varjota e de outras localidades adjacentes foram matriculadas e frequentaram aquela escola. Isso pode ser comprovado na listagem feita por alguns depoentes da pesquisa:

... a professora fez a matrícula dos 50 alunos: ...Clarice, mulher do Basílio, Maria José (Cachoeira), Messias, Antonio Inácia, Paulo, Geraldo, Lídio, Zé Garcia, Luiz, [...], Socorro do Campelo (do Boqueirão), Adelaide, [...], Maria Júlia do Zé Cal (São José), Sabino, [...] (CLARICE).

Manoel Pinheiro, Armando Pinheiro, Antonio Pinheiro, Lídio Pinheiro e Bento Pinheiro (ambos do São José), João da Luz, [...], Alfredo do Zé Cal, Maria do Carmo, Nazaré, Josélia, Maria Emília, Creuza, Maria Alice, Luiz, Zé Garcia, Boró, Vicente Catarina, Domingo Catarina, Victor, Manoel, Simão, Enoque, Eunice, Raimundo, David, Maria da Anunciação, Francisco, [...], Guilherme, Carlos (Carlito), Maria, Ciriaca, Graça, [...], Catarina, Clemência, Cristino, Herculano, Antonio Camilo, Maria, João Camilo, Manoel Canuto, Tiago, Antonio Inácio, Geraldo, Lídio e Zuza. (ENOQUE V. DOS SANTOS).

*A professora foi me matricular em minha casa, senti muita alegria de aprender a ler e que por traz dessa alegria tinha o “medo”. Medo de ter “coisas difíceis”, medo da professora. Naquele tempo a ordem dos pais era para obedecer a professora. (RAIMUNDO BARTOLOMEU VIEIRA, informação verbal).*

*Em 1952 as coisas estavam muito difíceis e deixamos a comunidade Varjota para morar no Maranhão com toda a família, tentando encontrar um lugar melhor para viver. Foi apenas ilusão, lá não se ouvia nem falar em escolas e meus pais resolveram retornar em novembro de 1952. Ao chegar foi tomado pela surpresa da instalação da escola. Imediatamente foi eu e meus irmãos matriculados para o ano letivo de 1953. (ANTONIO DAVID VIEIRA, informação verbal).*

Impedidos pelas dificuldades, as aulas tiveram início em setembro de 1951, porem a inauguração oficial da escola, só acon-

teceu em 1954, com grande festividade organizada pela professora Francisca Carneiro, que juntamente com o Sr. Eugênio reuniu alunos e toda a comunidade para receber as autoridades. Naquele momento a instalação da escola representava para população o começo de um novo tempo, tornando-se a maior referência para os habitantes do lugar e das comunidades vizinhas. E foi também com esse mesmo sentimento que o proprietário do lugar, Joaquim Gomes Calado contribui para aquela conquista e se fez presente naquela inauguração. Assim relata a sua filha:

*O meu pai era muito preocupado com a educação, por que ele não teve oportunidade de frequentar uma escola normal, então o pai dele era tropeiro e levava ele nas viagens e nos bancos de areia ia alfabetizando ele. Então ele comprou a Varjota, e era aquela terra linda, porque aquela terra é abençoada, quando você entra na Varjota, lembro quando eu tava muito agitada, quando eu entrava no caminho, eu já acalmava na estrada, aquele coqueiro babaçu, aquele rio, dava uma paz. (ODETE CALADO, informação verbal).*

*Feita a matrícula, a escola foi inaugurada, com a presença dos alunos, pais e mães de alunos e de toda a comunidade, bem como políticos de Água Branca- PI: o Deputado Joaquim Calado, Raimundo Matos Mourão e Dr. Silva e outro pessoal que ajudavam fazer a comitiva. Fomos buscar eles na estrada tudo a cavalo, levamos uns vinte animais: [...] Quando nos chegemos lá a D. Francisca tava com os alunos em duas alas mais de cinquenta alunos, meninos e moça, aí esses três homens passaram no meio. Tinha uma mesa enfeitada lá pra eles, aí o Silva falou primeiro elogiando o Eugênio, isso em 1954. Meu pai Miguel Raimundim, Canuto, Gonçalo Barradas, Sebastião Dudu, Loura, João Fulô, Isaías, Tio Camilo, e seu Eugênio que era o da frente, todos estavam lá com a professora Francisca Carneiro. [...]. Nesse tempo agente não tinha acesso a Baixa Grande, a BR 316 não era asfaltada. A festa foi grande e boa, todo mundo naquela expectativa [...]. (ENOQUE, ex-aluno, informação verbal).*

*Na inauguração houve comedoria, festa de dança tocada pelo Sr. Camilo e Leréu (sanfoneiros do lugar) Sr. Rosa do bombo. Vieram os amigos de Joaquim Calado, todo mundo dançava uma parte com as alunas. As autoridades vieram de cavalo, não tinha carro, Sr. Eugênio e D. Francisca prepararam tudo (D. Clarice).*

As escolas isoladas funcionavam na casa do próprio docente, daí porque são denominadas por Pereira (1996 apud LOPES, 2008, p. 208) de “escolas de Varandas”, em referencia a esse espaço das casas. Essas escolas foram responsáveis pela formação de um número significativo da população escolarizada no Brasil. Nas zonas rurais somente recentemente fora substituídas pelos prédios escolares. Em muitas experiências, a casinha que abrigava a escola era também a residência da professora, como é o exemplo da comunidade Varjota onde a escola funcionava na residência da professora Francisca Carneiro e de sua família. Raimundo Bartolomeu Vieira, 67 anos, com muito entusiasmo descreveu a escola como sendo.

*a casa que morava a professora: tinha uma sala onde ela fazia o trabalho de educar. Tinha bancos, agente sentava um ao lado do outro, o negocio era tão difícil, não tinha merenda. D. Francisca Carneiro foi minha única professora, de conhecimento muito profundo, muito bem aperfeiçoado (informação verbal).*

*A escola era sala, a professora morava lá, tinha a sala de dar aula, arrumadinha, limpinha e tudo, tinha banco, cadeira, quando num era agente levava as cadeiras de casa. Num tinha merenda, às vezes levava uma banana pá gente merendar lá, as vez quando agente queria merendar vinha merendar em casa que era bem pertim. (MESSIAS)*

A fim de colaborar com aqueles jovens que trabalhavam na roça e tinha o desejo de aprofundar os estudos, a professora Francisca Carneiro também ministrava aulas à noite conforme o relato de Antônio David Vieira, 65 anos, que não concluiu os estudos, não

completou a terceira série porque não teve oportunidade, dentre os seus irmãos o seu pai o escolheu para trabalhar na roça com ele. Ainda tentou estudar a noite com a professora Francisca Carneiro, a luz de lamparina, era muito difícil.

### Conclusões Reflexivas

Considerando o significado de que a educação só pode ser definida de acordo com o contexto social e o tempo histórico no qual ela é concebida, concluímos que a comunidade Varjota é um povoado de pessoas simples, mas sujeitos de sua história, pois foi formada por um grupo de famílias, em sua maioria, de pequenos agricultores, vaqueiros e raízes das comunidades escravas. No entanto, as adversidades impostas a aquelas pessoas não suplantaram seus interesses e sua luta pela educação. Desde as primeiras décadas de seu povoamento até o surgimento da Escola em 1951, o ensino era realizado por voluntários ou por professores pagos pelas famílias mais abastadas. Assim, a grande maioria era analfabeta até esperar pela ação de um morador que com seus esforços e a contribuição do proprietário da terra, instalaram uma escola.

De acordo com os relatos, a chegada da professora e o início das aulas foram um divisor de águas para aquele lugarejo pobre ainda esquecido pelas autoridades públicas, com uma gente marginalizada sem receber qualquer benefício público. Foi-nos mostrado que a história não é privilégio dos heróis ela está presente nas manifestações das sociedades e na vida simples de um povo. Naquela casinha rústica sob as orientações da professora Francisca Carneiro, o trabalho na roça, os afazeres domésticos, os banhos no riacho escreveram suas histórias, pois a história cultural nos permite a compreensão histórica através do cotidiano. Em qualquer época e em qualquer sociedade, a educação se transforma conforme a necessidade e desejo dos seus membros, engendrando suas histórias.

Os anos foram passando e a escola se transformou fisicamente e os sujeitos progrediram. Com o acesso ao saber sistematizado puderam sonhar e vislumbrar uma nova vida para si e a comunidade Varjota. Com esse sentimento trilharam novos caminhos, progrediram nos estudos e cresceram. Os que ali permaneceram, certamente, contribuíram para a transformação do contexto social, político e cultural.

Foram muitos os avanços a partir da instalação da escola, contudo, este estudo nos permitiu perceber que a escola, se não fosse o seu retardamento na comunidade, poderia ter contribuído mais, sobretudo na luta contra a pobreza, pois se tratava de uma população inserida em local de pouco investimento público no desenvolvimento econômico e social, voltada para atividade agropastoril e pecuária de subsistência. A não integração da educação ao desenvolvimento agrícola incentivou o processo migratório para cidade grande, sobretudo dos mais escolarizados.

### Referências Bibliográficas

- BERGSON, Henri. *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1990, 204 p.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues Brandão. *O que é educação?* São Paulo: Brasil, 1994.
- BURKE, Peter. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.
- FERRO, Maria do amparo Borges Ferro; NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa;
- SOUSA, Lourenilson Leal de Sousa, (Orgs.). *História da educação: ovos olhares, velhas questões*. Teresina: EDUFPI, 2009, 244 p.
- \_\_\_\_\_. *Educação e sociedade o Piauí republicano*. Teresina, 1996, 138 p.
- HOUAISS, Antonio; Mauro Villar. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Instituto Antonio Houaiss de Lexicografia e Baco de Dados

da língua Portuguesa S/C Ltda., Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

JENKINS, Keith. *A história repensada*. Trad. De Mário Vilela. 3ª Ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Cortez, 2009, 2009. 120p.

LE GOFF, Jaques. *Historia e memória*. 5ª Ed. Campinas: Unicamp, 2003.

LOPES, Antônio de Pádua Carvalho. *O Mestre faz a escola: Instituições escolares primárias e formação de professores no Piauí o século XX*. In. CALVACANTE, Maria Juraci Maria et AL (Orgs.) *História da Educação – Vitrais da memória: Lugares, imagens e práticas culturais*. Fortaleza: edições UFC, 2008, p.206-222.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. O que é história da educação. In:\_\_\_\_\_. *Perspectivas históricas da educação*. 5ª Ed. 1ª imp. São Paulo: Ática, 2009. P. 7-12.

PETTY, Miguel; TOMBIM, Ana; VERA, Rodrigo. *Uma Alternativa de Educação Rural*. IN. WERTHEIN, Jorge; BORDENAVE, Juan Díaz. *Educação Rural no Terceiro Mundo: Experiências e novas Alternativas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 19981, p. 31 a 63.